

Introdução

O táxi me esperava em frente ao edifício. Abri a porta, cumprimentei o motorista e partimos. Seria ele afegão, iraquiano ou paquistanês? Não saberia dizer. Há muitos motoristas estrangeiros em Nova York. Não conversamos.

Um silêncio me atingiu como se fosse um grito. Vinha da Terceira Avenida deserta, sem carros, sem gente, sem o habitual som das sirenes e buzinas, sem lojas nem restaurantes abertos. Quem diz que o som do silêncio não existe não sabe o que fala. Na madrugada de 12 de setembro de 2001, eu ouvi. Teria sido mais sensato ter permanecido na redação. Só restava meia hora do meu tempo, mas tinha que ir para casa. Ao menos para sentir a água do chuveiro tocando o corpo, deitar no colchão por alguns minutos, escolher uma roupa como se fosse um dia qualquer. Precisava dessa realidade banal.

Próximo da esquina com a rua 96 já conseguia ver a mesquita. O condomínio de apartamentos onde eu morava ficava em frente à grande mesquita de Manhattan. Despedi-me do taxista.

Senti um cheiro forte de gás logo na entrada do hall gigantesco, mobiliado daquele jeito impessoal dos altos edifícios residenciais da cidade. Avancei para os elevadores. Apertei o botão

do vigésimo andar. O cheiro se tornava mais forte à medida que subia, estava impregnado nos corredores e invadia o apartamento. Telefonei para a portaria. Precisava de uma explicação. Foi um dia muito longo. Podia estar com alucinações. “Não há vazamento”, garantiu a voz do outro lado. “É a fumaça que vem do World Trade Center. É que o vento mudou de direção.”

Em 2001, eu chefiava a redação da TV Globo, em Nova York. Na manhã de 11 de setembro, logo depois de o segundo avião se chocar contra a Torre Sul do World Trade Center, eu entrei no ar ao vivo, por telefone, e, por cerca de duas horas, narrei os acontecimentos ao público brasileiro, incluindo o ataque ao Pentágono e a queda da primeira torre. Durante dezoito anos, não tive coragem de ouvir nem de ver a transmissão. A iminência do vigésimo aniversário dos atentados e uma viagem ao Paquistão acabaram por me mostrar a história que eu devia contar.

Assim nasceu este livro sobre a vida de seis pessoas — afegãs, iraquianas e paquistanesas — dos países arrasados pelas consequências dos atentados às Torres Gêmeas. E também de um jordaniano de origem palestina. Como me resumiu um deles: “Os americanos tiveram um Onze de Setembro, nós vivemos o nosso Onze de Setembro até hoje”.

Ao longo de dois anos e meio, entrevistei, acompanhei e reconstituí a vida de Ahmer, um rapaz treinado para ser um menino-bomba; do jornalista Baker Atyani, escolhido por Osama bin Laden para anunciar um grande atentado; do general Ehsan Ul-Haq, ex-espião-chefe do equivalente à CIA paquistanesa; da poeta iraquiana Faleeha Hassan, obrigada a viver no país invasor; de Gawhar, uma afegã que fugiu da ocupação militar americana rumo à Europa; da jovem iraquiana Gena, que fugiu para a Síria, onde cairia em outro conflito sangrento; e de Rafi,

um afegão que atravessou oito países para escapar do Talibã. Com exceção de Ahmer, o menino treinado pelo Talibã paquistanês, todos são pessoas de classe média ou média alta. Pessoas com vidas semelhantes às das vítimas dos ataques de 2001.

Naquela manhã de setembro, dezenove terroristas da Al-Qaeda, organização extremista islâmica liderada por Osama bin Laden, sequestraram quatro aviões comerciais com passageiros, lançaram dois contra as Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova York, e um contra o Pentágono, sede do poder militar da maior potência do mundo, em Washington, DC. O quarto avião caiu na Pensilvânia. No total 2977 pessoas morreram. Até hoje foi o ataque terrorista mais midiático da história, acompanhado ao vivo por dois bilhões de pessoas em todo o mundo.

Em 1993, militantes ligados à Al-Qaeda haviam explodido uma bomba na garagem do World Trade Center. Em 1996, Osama bin Laden declarou Guerra Santa contra os Estados Unidos exigindo a retirada das tropas americanas da Arábia Saudita onde está Meca, a cidade sagrada dos muçulmanos. Entre 1996 e 2000, a Al-Qaeda foi responsável por atentados contra alvos militares dos Estados Unidos na Arábia Saudita, contra as embaixadas americanas no Quênia e na Tanzânia e contra o destróier *USS Cole*, no Iêmen.

Em resposta ao Onze de Setembro, os Estados Unidos de George W. Bush proclamaram a chamada Guerra ao Terror e formaram uma coalizão de quarenta países com o objetivo de destruir a Al-Qaeda e de capturar Osama bin Laden. O terrorista vivia no Afeganistão, um dos países mais pobres do mundo, governado pelo Talibã de 1996 a 2001.

No dia 7 de outubro de 2001, os caças americanos e britânicos começaram a bombardear o Afeganistão. O poderio militar dos Estados Unidos e de seus aliados tirou o Talibã do poder,

mas não conseguiu capturar Osama bin Laden, detendo-o apenas em 2011. A guerra do Afeganistão durou vinte anos. Foi o conflito militar mais longo da história americana.

Em 20 de março de 2003, os Estados Unidos iniciaram outra guerra, dessa vez contra o Iraque de Saddam Hussein, alegando que o país escondia armas químicas, que nunca foram encontradas. O Iraque não tinha qualquer ligação com os atentados de Onze de Setembro.

Com Saddam derrotado e sob a ocupação militar estrangeira, a violência sectária entre xiitas e sunitas se generalizou pelo país. Como resposta direta à ocupação militar americana, surgiu o Estado Islâmico, ainda mais extremista e violento do que a Al-Qaeda, que iria espalhar o terror no país e na vizinha Síria. As tropas americanas só deixaram o Iraque em 2011. Mas o caos e a violência não cessaram.

Osama bin Laden foi assassinado no Paquistão, dez anos depois dos ataques a Nova York e Washington, numa das operações mais secretas das forças especiais americanas.

No Afeganistão, em vinte anos de guerra, morreram mais de 157 mil pessoas; no Iraque, de 2003 até hoje, dez anos depois de as tropas americanas se retirarem do país, foram mortas entre 308 e 600 mil; e no Paquistão, o aliado dos Estados Unidos na Guerra ao Terror, 70 mil.

As violações de direitos humanos por militares americanos, como os abusos e a tortura em prisioneiros, muitas vezes inocentes, na prisão de Abu Ghraib, no Iraque, e na base de Guantánamo, em Cuba, geraram ainda mais ressentimento nas populações desses países.

A Guerra ao Terror provocou mais radicalização religiosa, conflitos internos, forçou milhões de pessoas a abandonar suas casas e a fugir para outros países, aumentando ainda mais o preconceito em relação a muçulmanos e árabes. Dizem que

o mundo nunca mais foi o mesmo depois do Onze de Setembro. Para Rafi, Gawhar, Faleeha, Gena, Ahmer,* Ehsan e Baker, tudo mudou para sempre. Estas são as minhas memórias das memórias deles.

SIMONE DUARTE

* O protagonista Ahmer é o resultado de entrevistas com três jovens que foram treinados pelos talibãs. A decisão foi tomada pela autora para proteger a identidade dos rapazes. (N.A.)

Instantâneos 1977-2001

RAFI

Cazaquistão

Era como se ele estivesse num caixão vertical, com as costas prensadas numa chapa quente, insuportavelmente quente. Sentia-as ardendo. O compartimento era tão estreito que mal podia se mexer — uma minicasa das máquinas do trem. Ele não conseguia respirar. O nariz encostava na porta trancada, todo o seu corpo parecia colado à porta. Rafi havia sido o último a se esconder. A polícia estava prestes a entrar no vagão, e eles o jogaram e o trancaram ali. A cada cinco minutos, a vida ia lhe escapando. Era verão, devia estar quente lá fora, mas ali dentro era o inferno. Começou a achar que estava perdendo os sentidos, a respiração suspensa, o coração batendo mais rápido, quase a explodir.

Disseram para ele não se mexer, não falar, devia ficar quieto senão a polícia descobriria e o mandaria de volta ao Afeganistão. Precisava respirar. Juntou as mãos num esforço hercúleo e tentou empurrar a porta com a força do desespero. Por uma fresta mínima viu um policial passar e pensou no que era realmente importante. Tentou se acalmar. Esperou o policial, mas

poucos minutos depois não resistiu. Começou a bater na porta, pediu socorro, gritou dizendo que não tinha mais oxigênio, que ia morrer. Ninguém ouviu. Aos vinte anos, Rafi não tinha dúvidas de que iria morrer na fronteira do Cazaquistão com a Rússia, não na Europa, não em um país seguro, nem junto aos seus pais em Cabul.

GAWHAR

Afeganistão

Corria à velocidade do medo, medo de que o homem as alcançasse. A irmã corria junto sem olhar para trás. Gawhar estava a milésimos de segundo de largar os chinelos pelo caminho e correr ainda mais rápido. Justamente no dia em que usava o vestido cor-de-rosa de bolinhas tão bonito que a mãe costurara com a máquina que tinha em casa. Mas não há tempo para pensar no vestido nem nos chinelos, muito menos na água. Havia saído de casa com as garrafas vazias para encher na única torneira de água potável do bairro. Distraídas, nem repararam que os homens estavam saindo da mesquita depois da oração. Foi quando um deles passou a correr em sua direção com a pergunta fatal: Por que você não está usando o véu?

Corriam cada vez mais rápido. Chegaram por fim em casa e trancaram a porta. O coração aos pulos. Dois corações aos pulos. Por dez minutos, permaneceram assim, atrás da porta, esperando que alguém batesse e perguntasse por elas. Ninguém veio. Foi a partir desse dia que entendeu que algo havia mudado e que não podia mais sair de casa sem usar o véu. Mas por que uma menina de sete anos precisava mesmo cobrir a cabeça e se esconder?

Como Gawhar gostava daquele vestido cor-de-rosa.

FALEEHA

Fronteira Irã-Iraque

Faleeha saiu sozinha de casa em Najaf e entrou no caminhão repleto de soldados e de mulheres, a maioria viúvas, vestidas de preto, à procura dos filhos. Todas choravam. Parecia um coro. Aos vinte anos, era a primeira vez que Faleeha ia à linha de frente, ao campo de batalha. A guerra entre o Iraque e o vizinho Irã já durava oito anos. O pai não mandava notícias havia três meses. A mãe estava em desespero. Precisava encontrá-lo.

O coração estava apertado. Avistou o pai. A reação dele foi a pior possível. Ficou zangado, gritou que ela não deveria ter vindo. Mas o comandante se emocionou ao ver a filha que buscava o pai e deixou os dois voltarem juntos para casa. Na estrada, viram uma bomba atingir um caminhão militar e jovens explodirem pelos ares. Pedacos de corpos voaram para todas as direções. Era o prenúncio de uma vida que seria contada de guerra em guerra.

GENA

Iraque

Com apenas cinco anos, acordou em choque, com todo o seu corpo tremendo. A sirene era ensurdecedora, os bombardeios iam começar. Gena disparou junto com as três irmãs, o irmão e a mãe para o corredor sem janelas nem espelhos. Sentaram-se no sofá, agarraram-se todos grudados de tão próximos. As crianças choravam. A mãe chorava e rezava. O pai não estava em casa. A mãe não sabia o que fazer. Ligou para o avô de Gena. Era uma da manhã, madrugada em Bagdá. O pai de Gena nunca estava em casa.

AHMER

Paquistão

Ahmer olhava para a bola, hipnotizado. Concentrava-se e corria atrás dela como se não houvesse ninguém à frente. Driblava o outro menino e fazia o gol. Corria para festejar. Não havia plateia. Os pais, muito pobres, não tinham tempo para ele nem para os irmãos. Nunca perguntavam para onde ia. Com cinco anos faz o que quer na minúscula aldeia do vale do Swat, no noroeste do Paquistão, berço da civilização budista Gandara, com paisagens que a rainha da Inglaterra comparou aos alpes suíços. A quinhentos quilômetros do vale, numa corrida contra o relógio, o motorista da neuropsicóloga Feriha Peracha dirigia o mais rápido que podia pelas ruas movimentadas de Lahore para ela não se atrasar ao consultório de classe alta da cidade mais liberal do Paquistão. Ahmer e Feriha transitam em dois mundos opostos, nem desconfiam que um dia mudarão a vida um do outro.

EHSAN UL-HAQ

Irã

Como um ímã, Ehsan foi atraído em direção à arquibancada. Era possível vê-lo chegar à distância. O homem entrou na tribuna vazia, sentou-se sozinho, isolado das outras 6 999 pessoas que lotavam o estádio. Os cavalos estão saltando, mas o que chama a atenção do jovem oficial paquistanês não é o espetáculo equestre. Estranho que nem os ministros, nem a família, nem a rainha ficam ao lado do xá Reza Pahlavi. Ele estava sozinho sentado numa cadeira, num lugar onde cabiam mil pessoas, calculava Ehsan Ul-Haq. Havia algo muito esquisito no reino do xá.

Ehsan nunca se esquecerá daquele dia de 1977, a imagem do homem mais poderoso do Irã, desconectado do seu povo, assistindo aos cavalos saltarem. O poder pode ser traiçoeiro.

BAKER ATYANI

Kuwait

Baker agarrou a pequena câmera que tinha em casa e saiu. É um apaixonado por fotografia. Tenta ser o mais discreto possível, esconde-se ao fotografar as tropas de Saddam Hussein marchando pelas ruas da capital do Kuwait. Fotografou casas ardendo em chamas e tudo o que viu pela frente.

Era o verão de 1990, o jordaniano Baker Atyani tinha 22 anos, vivia com a família na cidade do Kuwait e testemunhou a ocupação iraquiana que provocou a primeira Guerra do Golfo. Não faz a menor ideia de que um dia vai trabalhar como jornalista e entrevistar o homem mais procurado do mundo.

A véspera

RAFI

Ucrânia

Os imigrantes clandestinos dormem amontoados e quase não veem a luz do dia, raramente são levados para fora. Pela manhã trazem dois pedaços de pão com manteiga e chá. A vida no porão é insuportável e todos estão impacientes. Rafi pede por mais um milagre. Passou a acreditar neles quando escapou da morte no trem na fronteira do Cazaquistão com a Rússia. Abriram a porta, ele caiu desmaiado do compartimento que o sufocava, mas estava vivo. A cada país, novos riscos, novos perigos. Já foram cinco desde que saiu em fuga de Cabul, sua cidade natal: Paquistão, China, Quirguistão, Cazaquistão, Rússia. Neste momento, está num porão na fronteira da Ucrânia. São afegãos, iraquianos, paquistaneses, somalis. Para os traficantes de pessoas eles são todos iguais e não valem nada. É quase fim da tarde. Sasha, o russo que os vigia, traz duas asas de galinha, um pouco de arroz e água da torneira. Todo dia é assim. Rafi não aguenta mais. Nem lembra há quanto tempo está nesse subsolo em mais uma fronteira. Tudo o que gostaria é de tomar uma Coca-Cola.

GAWHAR

Peshawar, Paquistão

Gawhar corre livremente com os irmãos para não se atrasar para a aula de inglês. Seus pais fazem questão de que aprendam a língua. A vida mudou desde que chegou a Peshawar, no Paquistão. Já não é obrigada a usar o véu nem precisa fugir de nenhum talibã, pode andar sozinha para todos os lugares, usar seus vestidos e ir à escola. Gawhar é ótima aluna, tem muitas amigas e ainda há os parentes que moram na cidade. Não tem televisão, mas a mãe comprou um computador — é a primeira vez que a família tem um computador. TV e computador, dois objetos que podiam dar cadeia se ainda morassem no Afeganistão governado pelos talibãs. Hoje, dia 10 de setembro, depois da aula, se parar de chover, talvez dê tempo de ir para a cobertura de um dos prédios com o irmão soltar pipa. Tem dez anos e quer morar muitos anos no Paquistão, talvez para o resto de sua vida.

FALEEHA

Najaf, Iraque

Faleeha começa a aula. É professora de árabe para crianças com QI elevado em Najaf, cidade de maioria xiita. O árabe e a poesia são seu refúgio. Quando foi mesmo que Faleeha passou a escrever? A primeira memória da guerra é quase tão viva quanto o gesto da mão de pegar o lápis e de desenhar letras, palavras, frases no caderno. Esse gesto é indissociável do dia em que foi buscar seu pai no campo de batalha, ao barulho das bombas, dos tiros, dos mísseis, dos cães comendo pedaços de carne de corpos estendidos no meio das ruas ou do estampido surdo de homens morrendo sob seus pés. Escreve de dia, es-

creve à noite, escreve a toda hora, escreve para se curar. Nem acredita que já faz dez anos que publicou seu primeiro livro de poesia. Quando voltar para casa, vai tirar o caderno debaixo do travesseiro e escrever como faz todas as noites.

GENA

Bagdá, Iraque

Gena chega da escola e o primeiro movimento é o abraço da mãe, sempre seguro. Depois do almoço, vai para o jardim. A família se mudou para uma nova casa com oitocentos metros quadrados, em Adamiyah, o bairro de Bagdá onde mora quem apoia, trabalha ou é do partido do presidente Saddam Hussein. Os pais dizem que nunca se deve falar mal de Saddam. Parentes da mãe já tiveram que fugir do Iraque. Mas, aos oito anos, Gena está mais preocupada em organizar casamentos entre formigas nas folhas caídas no jardim. É a sua brincadeira predileta. Quando acabar o dever de casa, Gena vai brincar com a sua Barbie.

EHSAN UL-HAQ

Peshawar, Paquistão

A tempestade impedia que o general jogasse golfe, um esporte que adora. O campo de golfe fica bem ao lado da casa onde Ehsan Ul-Haq mora em Peshawar, desde que foi promovido a comandante do regimento no noroeste do Paquistão. A carreira militar o levou a morar em vários países. São poucos os militares paquistaneses que estiveram no Irã do xá Reza Pahlavi às vésperas da Revolução Islâmica, na Arábia Saudita, na China

de Mao Tsé-tung durante a Revolução Cultural, na prestigiada academia militar de Fort Lee, nos Estados Unidos. Mas agora Ehsan voltou às origens. Este é um território que conhece bem, perto de Mardan, cidade onde nasceu na província da fronteira Noroeste, bem próxima do Afeganistão e das áreas tribais ou terra de ninguém, como são chamadas. Amanhã deve ser um dia tranquilo, e se o tempo melhorar talvez consiga jogar golfe depois do trabalho.

BAKER

Islamabad, Paquistão

Baker desembarca no aeroporto de Islamabad, capital do Paquistão, depois de uma cansativa viagem à Malásia. Desde que entrevistou Osama bin Laden, em junho, para a MBC, o canal de televisão mais visto nos países árabes — e a cúpula da Al-Qaeda garantiu que faria um grande atentado contra alvos americanos —, está obcecado em saber mais sobre como operam os movimentos militantes islâmicos radicais. Bin Laden prometera uma nova entrevista para depois do ataque e não parecia estar blefando. Amanhã, pretende ir à redação pela manhã e passar o resto do dia descansando. Talvez convide uns amigos para se reunirem em sua casa.

AHMER

Vale do Swat, Paquistão

A vida na aldeia não muda. Ahmer sai de casa e os pais não têm ideia para onde ele vai. Talvez vá jogar futebol ou críquete.